

FORMAÇÃO PROFISSIONAL RURAL NO ASSENTAMENTO SÃO ROQUE, MUNICÍPIO DE FRANCO DA ROCHA/SP

Jefferson Rodrigo Cantelli¹

Resumo: Entre os anos de 2015 e 2016, foram realizados diversos cursos de Formação Profissional Rural ofertados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural, no Assentamento Rural São Roque, município de Franco da Rocha/SP. Esta pesquisa destinou-se a conhecer a percepção dos agricultores sobre a forma de aproveitamento destes em relação as técnicas e conteúdos aprendidos nos cursos, o nível de aplicação ou aperfeiçoamento das técnicas nas atividades produtivas dos sítios e as principais dificuldades encontradas pelos agricultores para colocar em prática os conteúdos assimilados. O resultado da pesquisa demonstrou que houve satisfatório aproveitamento dos conteúdos e mudança nas técnicas de produção em fruticultura e olericultura, e baixo aproveitamento dos conteúdos sobre comercialização em razão de haver poucos canais de comercialização no assentamento.

Palavras-chave: Assentamento Rural; Formação Profissional; Avaliação.

Abstract: During 2015 and 2016, several Rural Vocational Training courses were held by the National Rural Apprenticeship Service, in the São Roque Rural Settlement, located in the city of Franco da Rocha (State of São Paulo). This work aimed to identify the farmers' perception in regards of getting the most out of the courses, with focus on techniques and contents learned, the level of implementation or refinement of the techniques in the productive activities of the sites, and finally the main difficulties faced by the farmers to put into practice the content learned during the courses. The results of the research showed that the contents taught in the courses were rated as satisfactory and there were changes on fruits and vegetables production techniques. On the other hand, there was a poor usage of contents related to commercialization due to the existence of few marketing channels in the rural settlement.

¹Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp Câmpus de Rio Claro. Extensionista Rural da Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo "José Gomes da Silva"- Fundação ITESP. Contato: jcantelli@itesp.sp.gov.br.

Keywords: Rural Settlement; Professional Qualification; Evaluation.

Introdução

O assentamento rural São Roque, também conhecido como Comuna da Terra "Dom Tomás Balduino", oficializado em novembro de 2003², está localizado no município de Franco da Rocha/SP, zona norte da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), distante apenas 35 quilômetros da capital paulista (Mapa 1). O eixo composto pela RMSP, pela Aglomeração Urbana de Jundiaí e a Região Metropolitana de Campinas é uma das regiões mais urbanizadas do Estado de São Paulo (2009)³.

Moram no assentamento 64 famílias de agricultores, ocupando uma área de 619 hectares. Originalmente, o projeto de assentamento demarcou, adicionalmente às áreas de produção individual, glebas de terra para produção coletiva, conforme a proposta Comuna da Terra, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Este modelo tem como um dos seus fundamentos a vinculação de populações que vivem em condições precárias nas grandes cidades em projetos de reforma agrária, como alternativa de vida. Além disso, esse modelo de assentamento prioriza o manejo coletivo das áreas de produção, com base em técnicas agroecológicas (SILVA, 2013, p. 150).

Contudo, com o passar do tempo e frente às dificuldades para o desenvolvimento do trabalho coletivo, as famílias do assentamento se apropriaram de frações ideais das áreas comuns, em torno de 2,00 hectares cada, e consolidaram suas atividades produtivas de forma individual.

O domínio da área é conferido à Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo – Fundação ITESP⁴, órgão estatal responsável pela prestação dos serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) às famílias do assentamento.

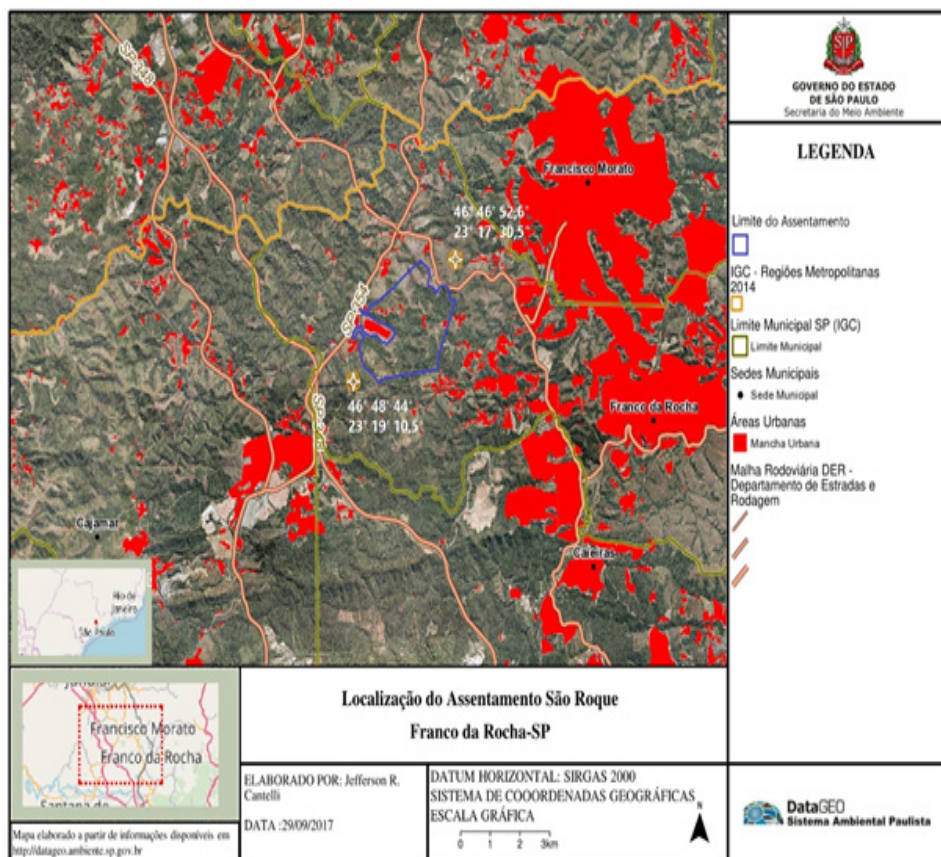
A atuação da Fundação ITESP no território paulista é marcada pelo t

²Portaria ITESP n.º 111, de 20-11-2003. Publicado no Diário Oficial do Estado de São Paulo, Caderno Executivo, Seção I, p. 7, em 26 de novembro de 2003.

³Informação levantada através do mapeamento de uso e ocupação de solo do Estado de São Paulo, produzido pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SP) – Coordenadoria de Planejamento Ambiental, em 2009, na escala 1:50.000. As áreas urbanas foram mapeadas a partir da classificação de cenas monocromáticas do satélite IRS fusionadas com as bandas 5, 4 e 3 do satélite LANDSAT 7 do ano de 2005. Informação disponível na plataforma Infraestrutura de Dados Espaciais Ambientais do Estado de São Paulo (IDEA-SP). <http://datageo.ambiente.sp.gov.br>. Acesso em 29/09/2017.

⁴Entidade vinculada à Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, responsável pelo planejamento e execução das políticas agrária e fundiária e pelo reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombos no Estado de São Paulo (PILLA et al, 2013, p. 11).

Mapa 1: localização do assentamento São Roque, Franco da Rocha-SP.



trabalho de equipes de profissionais multidisciplinares alocados em Grupos Técnicos de Campo (GTC). O GTC sediado em Araras/SP é responsável pela ATER às famílias assentadas e quilombolas em áreas públicas estaduais na região leste paulista (Região Administrativa de Campinas). São 12 assentamentos rurais (entre eles o assentamento São Roque, área de estudo da presente pesquisa) e 01 comunidade quilombola, perfazendo um total de 446 famílias atendidas.

Em 2017, a equipe encarregada pelos serviços de ATER era composta por 05 engenheiros agrônomos, 01 técnico agrícola, 01 médico veterinário, 01 cientista social, 01 geógrafo e 02 profissionais de apoio operacional e administrativo. Os trabalhos desenvolvidos pelos extensionistas são qualificados junto ao público através de uma metodologia própria da instituição denominada Gestão de Ater para o Desenvolvimento (G.A.D.).

Tabela 1- Principais olerícolas produzidas na safra 2013/2014.

Nome da cultura	Número de produtores	Quantidade produzida (em quilos)	Valor Bruto da Produção (R\$)
Olerícolas diversas	13	27.720	57.241,97
Mandioca de mesa	19	24.070	18.599,20
Alface crespa	10	4.676	9.346,20

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 2 - Principais frutas produzidas na safra 2013/2014.

Nome da cultura	Número de produtores	Quantidade produzida (em quilos)	Valor Bruto da Produção (R\$)
Banana nanica	30	38.820	54.052,10
Uva	6	8.510	32.261,00
Frutas diversas	13	17.203	17.761,85
Limão	21	7.893	16.247,25
Abacate	14	5.143	10.132,85

Fonte: elaborado pelo autor.

Esta metodologia prevê, entre os passos iniciais do trabalho, um diagnóstico da realidade da comunidade. Após, seguem as etapas de planejamento, execução e monitoramentos das ações. Todas as etapas devem ser construídas de forma participativa com os agricultores e quilombolas.

A referida instituição possui uma ferramenta de pesquisa, denominada Caderneta de Campo. A caderneta é aplicada censitariamente pelos técnicos de campo com o objetivo de traçar o perfil das condições socioeconômicas da população assentada. Desta forma, os dados de produção e o perfil socioeconômico das famílias são levantados sistematicamente pelo órgão gestor dos assentamentos paulistas, incorporando a rotina de pesquisa ao trabalho dos extensionistas (PILLA; ANDRADE; MARQUES, 2013, p. 243).

Segundo dados levantados pela Caderneta de Campo na Safra 2013/2014⁵, as principais cadeias produtivas do assentamento eram a olericultura, a fruticultura e a apicultura.

Em relação as olerícolas, destacaram-se as culturas de mandioca de mesa,

⁵A pesquisa de campo foi feita de forma declaratória e censitária. O período pesquisado foi de agosto de 2013 a julho de 2014. Neste levantamento, foram entrevistadas 52 famílias, ou seja, 81% do universo do assentamento. As informações foram disponibilizadas pelo Grupo de Sócioeconomia, Gerência de Desenvolvimento Humano, da Diretoria Adjunta de Políticas de Desenvolvimento da Fundação ITESP, em formato de relatório impresso, emitido em 21/01/2016.

alface crespa e plantio diversificado de olerícolas, conforme destacado na tabela 1.

A respeito da fruticultura no assentamento, destacaram-se as culturas de abacate, banana nanica, limão, uva e plantio diversificado de frutas, conforme demonstra a tabela 2.

Já a apicultura destacou-se pelo alto valor agregado no preço do produto. Em média, o litro do mel foi vendido a R\$ 17,60. Foram produzidos no

Já a apicultura destacou-se pelo alto valor agregado no preço do produto. Em média, o litro do mel foi vendido a R\$ 17,60. Foram produzidos no período entre 2013/2014, 931 litros de mel, por 10 apicultores.

O valor bruto da produção agropecuária total (produção vegetal, animal, leiteira e derivados) da safra 2013/2014, incluindo a produção para autoconsumo, registrou R\$ 401.727,46, para um total de 52 produtores.

Em relação a população do assentamento, a caderneta de campo 2013/2014 levantou o total de 245 moradores, sendo 44% mulheres e 56% homens. Quanto a faixa etária dos assentados, observou-se maior concentração da população na faixa entre 30 e 59 anos (33%), idade economicamente ativa. Os adolescentes, com idade entre 12 e 18 anos, correspondem a 16% da população, conforme demonstrado na tabela 3.

Tabela 3- População do assentamento por faixa etária e sexo, 2014.

	Faixa Etária	Feminino	Masculino	Total	%
Criança	0 a 5 anos	3	3	6	2%
Pré-Adolescente	6 a 11 anos	5	10	15	6%
Adolescente	12 a 18 anos	13	25	38	16%
Jovem	19 a 29 anos	8	11	19	8%
Adulto	30 a 59 anos	43	39	82	33%
Idoso	60 anos ou mais	9	18	27	11%
Sem informação	Sem informação	26	32	58	24%
Total		107	138	245	100%

Fonte: elaborado pelo autor.

Tendo em vista a característica da comunidade em possuir pouca experiência em técnicas de produção agrícola, o serviço de ATER identificou e planejou, em conjunto com a comunidade assentada, um projeto de formação profissional rural⁶ para conferir maior base técnica à produção das famílias e, conseqüentemente, melhorar a qualidade dos produtos e proporcionar a abertura de mercados.

Dessa forma, um arranjo institucional foi formado para executar o projeto. As instituições participantes foram: Fundação ITESP (Grupo Técnico de Campo de Araras), Coordenadoria de Assistência Técnica Integral – CATI (Casa da Agricultura de Franco da Rocha-SP), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE (Agência de Jundiá-SP), Sindicato Rural de São Paulo e Prefeitura Municipal de Franco da Rocha (Departamento de Agricultura).

Entre os anos de 2015 e 2016, foram realizados 17 cursos de formação profissional rural abordando os temas: fruticultura básica, olericultura orgânica e comercialização. Foram mais de 400 horas de capacitações que contaram com a presença de 63% por cento das famílias da comunidade, conforme demonstrado no quadro 1.

Dessa forma, a presente pesquisa teve por objetivo conhecer: 1) a percepção dos agricultores participantes do projeto sobre a forma de aproveitamento destes em relação as técnicas e conteúdos aprendidos nos cursos; 2) o nível de aplicação e/ou aperfeiçoamento das técnicas nas atividades produtivas dos sítios; e 3) as principais dificuldades encontradas pelos agricultores para colocar em prática os conteúdos assimilados.

Procedimentos metodológicos

A metodologia de pesquisa envolveu revisão bibliográfica, consulta à planilhas de controle e acompanhamento dos cursos elaboradas pelo autor, consulta a registros de frequência dos cursos e pesquisa em campo através da aplicação de entrevista, com elaboração de perguntas fechadas e abertas

⁶Formação Profissional Rural é um processo educativo, não formal e participativo, vinculado à realidade do meio rural. Visa o atendimento das necessidades e exigências dos produtores e trabalhadores rurais, das unidades produtivas e do mercado de trabalho, para ampliar e melhorar as competências nas ações do dia-a-dia. Como consequência permitirá realizar suas atividades de maneira a aumentar a produtividade, rentabilidade e competitividade do setor agropecuário. O SENAR baseia seus cursos em princípios e diretrizes estabelecidas pela OIT - Organização Internacional do Trabalho, nas políticas do CINTERFOR - Centro Interamericano de Investigação e Documentação sobre Formação Profissional, formuladas durante reuniões de comissões técnicas, nas políticas dos Ministérios do Trabalho e Emprego e da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e nas diretrizes emanadas da CNA e suas federações vinculadas. (SENAR, 2017)

(ALMEIDA, 1989). Para a análise das respostas às perguntas abertas, o método de interpretação dos dados baseou-se na análise argumentativa do discurso (FAVERO; SARRIERA, 2009).

A entrevista foi realizada com um grupo de 15 agricultores sorteados de uma amostra intencional composta pelos 20 produtores que mais frequentaram os cursos sobre fruticultura básica, olericultura orgânica e comercialização, listados no Quadro 1.

Quadro 1- Cursos de formação profissional rural realizados no assentamento São Roque em 2015/2016

Tem a	Nome do curso	Mês / ano de realização	Carga horária	Participantes
Fruticultura	Fruticultura Básica - Instalação da Lavoura – 1ª Turma	Out/2015	24	19
	Fruticultura Básica - Amostragem de solo	Nov/2015	16	19
	Fruticultura Básica - manejo, tratamentos culturais e colheita	Dez/2015	24	20
	Fruticultura Básica - controle alternativo de pragas e doenças	Dez/2015	16	20
	Fruticultura Básica - Instalação da Lavoura – 2ª Turma	Mar/2016	24	18
Olerícolas	Controle de Formigas Cortadeiras na Fruticultura	Mar/2016	16	15
	Programa Olericultura Orgânica	Mar a Out/2016	128	18
Comercialização	Controle de Formigas Cortadeiras na Olericultura	Mar/2016	16	15
	Produtos Agroindustriais com o forma de agregar valor na fruticultura	Abr/2016	16	20
	Produtos Agroindustriais com o forma de agregar valor na olericultura	Abr/2016	16	20
	Exigências legais para form alização e comercialização	Mai/2016	16	20
	Canais de distribuição	Mai/2016	16	20
	Com o vender para o governo	Jun/2016	16	20
	Produtos agroindustriais com o forma de agregar valor na apicultura	Out/2016	16	20
	Turismo: com ercialização	Out/2016	16	20
	Certificação com o ferram enta de competitividade	Nov/2016	16	20
	Organização de vendas conjuntas	Dez/2016	24	15

Fonte: elaborado pelo autor.

Resultados da pesquisa

Perfil dos entrevistados

As análises dos questionários aplicados em campo revelaram: 80% dos pesquisados possuíam o ensino fundamental incompleto (Gráfico 1); 47% das famílias eram compostas por 2 a 5 integrantes (Gráfico 2); em relação a força de trabalho, a maioria das famílias (60%) declarou haver de 2 a 3 pessoas que efetivamente trabalhavam na área (Gráfico 3). Dois terços dos pesquisados responderam positivamente quando questionados se já haviam participado de outros cursos de aprendizagem rural. Os temas dos

cursos realizados anteriormente mais citados pelos participantes foram: apicultura, artesanato em fibra de bananeira e bambu, panificação, fabricação de conservas doces e salgadas e fabricação de embutidos (linguiças e defumados). Quando questionados quais foram as entidades promotoras dos cursos, o MST recebeu 51% das citações (Gráfico 4).

Gráfico 1- grau de escolaridade dos entrevistados.

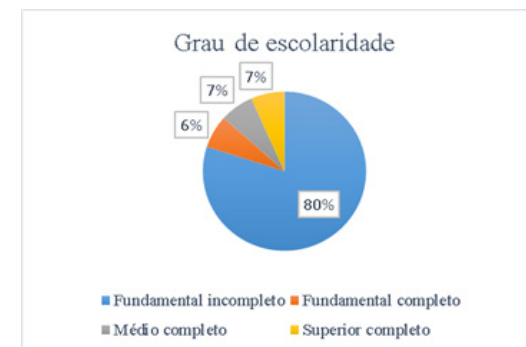


Gráfico 2 - Quantidade de pessoas na composição familiar.

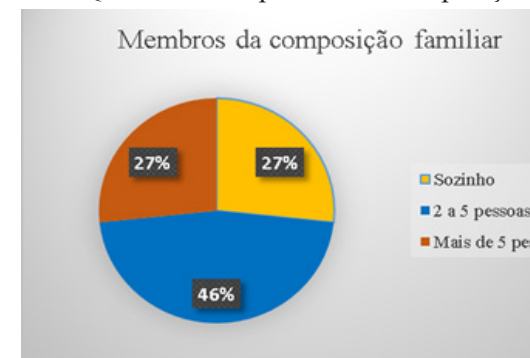
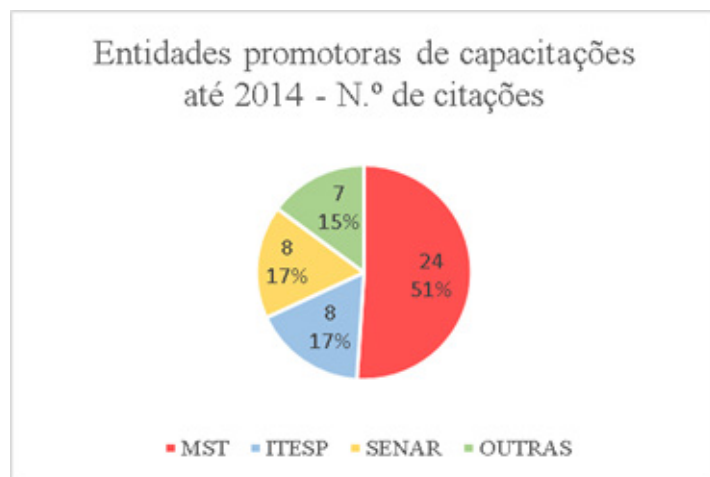


Gráfico 3 - Quantidade de pessoas que compõem a força de trabalho.



Gráfico 4 - Entidade promotoras de capacitações até 2014.



Fonte: elaborado pelo autor.

Como os agricultores avaliaram o seu aproveitamento dos cursos?

No âmbito do projeto de formação profissional rural objeto do presente estudo, em relação à percepção dos produtores sobre a forma de aproveitamento dos conteúdos e técnicas trabalhados nos cursos, especificamente sobre o tema **fruticultura** básica, a análise das entrevistas revelou: a) houve confirmação e aperfeiçoamento de técnicas que já praticavam; b) foram resolvidas dúvidas acumuladas ao longo do tempo; c) assimilaram novos conhecimentos; d) destacaram que a assimilação dos conteúdos é lenta e progressiva, pois o resultado da aplicação da técnica depende da prática e da natureza; e) entenderam que a metodologia e as aulas práticas facilitaram o aprendizado; f) opinaram que haveria melhor aproveitamento caso houvesse continuidade dos ensinamentos pela ATER.

“Em primeiro lugar esse curso de formiga, tem que ter paciência para acabar com elas, então o aproveitamento é lento. Já o curso de frutas eu aprendi bastante, vou fazer a cova do jeito que foi ensinado e também a poda do abacate, é importante podar em cima para os galhos saírem para o lado.” (S.V.L., agricultor, 63 anos)

“100% não, porque a poda é complexa, cada tipo de fruta tem um jeito de podar, a gente não foi categórico na variedade. Quando a gente plantou o pomar, no começo, foi sem um curso, então a gente plantou tudo errado, em espaço e

fundura. Teria sido melhor aproveitado se viesse uma assistência aqui no meu espaço, por conta da variedade que tenho.” (A.M.S., agricultor, 63 anos)

“Aprendi a olhar as doenças nas folhas e a poda, o quê derrubar, quando derrubar, fazer a adubação e na época certa. Podar também na época certa, não colocar enxada no pomar e aproveitar a matéria, isso eu já sabia, mas confirmou.” (M.C.A., agricultor, 60 anos)

“Foi bom, a gente trabalhou com frutas, aprendeu a plantar, a ter o pomar o tempo todo. A questão da poda do abacate ou qualquer outra fruta, podar em cima para os galhos saírem de lado. O Armando (instrutor do curso de fruticultura) tirou muitas dúvidas da gente, que tava acumulado.” (M.B.D., agricultora, 46 anos)

“Aproveitei bem, participei, o conteúdo foi acessível, sobre a importância do solo, plantar em nível, coisas práticas que foram aplicadas.” (M.C.A. agricultor, 42 anos)

Sobre o aproveitamento do curso de **olericultura** orgânica constatou-se que, na percepção dos agricultores, houve melhor aproveitamento deste em relação aos demais cursos, em função da maior possibilidade de aplicação das técnicas nos sítios, além de terem obtido bons resultados produtivos, em pouco tempo. Outra característica marcante apontada foi o maior rendimento das hortas, com utilização de menor área e volume de terra, menos trabalho e maior economia de água para irrigação. Segundo os agricultores, a metodologia prática, o elevado conhecimento do instrutor e a boa qualidade dos materiais utilizados contribuíram para um bom aproveitamento do curso. Outra característica presente no discurso dos participantes é que o curso de olericultura orgânica ultrapassou a expectativa de aprender somente técnicas pois contribuiu para pensar o dimensionamento da horta e a produção em escala.

“Em primeiro lugar esse sistema de composto, rende muito, mais o adubo, a planta sai melhor, rende mais por menos, é melhor para a hortaliça. Aprendi também a plantar uma planta junto com outra, para aproveitar o espaço do canteiro e a fazer a cobertura do canteiro. Teve também a questão do preparo do solo, que aprendi a usar o calcário, a adubação verde. No preparo do canteiro, aprendi a fazer a divisão dos canteiros, para a água escoar entre eles.” (M.B.D., agricultora, 46 anos)

“Eu achei o canteiro do curso mais prático e segura mais a água. O viveiro

de mudas eu também achei bem interessante. Na hora da colheita eu também aprendi, eu deixava a couve muito dura e cortava, e não precisa fazer assim, pode cortar antes. Eu aprendi a fazer melhor a colheita e a economizar água e calcário.” (J.A.S.I., agricultor, 65 anos)

Achei bom porque foi 100% de prática. A questão da cor da terra, tamanho da terra, tipo da terra, leitura do solo e a questão dos adubos, são muito ricos, e a abertura da mente, porque se vende de tudo, desde umbigo de bananeira até as verduras.” (J.C.P.P. agricultor, 39 anos)

“Dentro do curso foi aproveitamento 100%, a turma foi boa, o material, o professor ajudou, aproveitei.” (A.M.S., agricultor, 63 anos)

“Aproveitei bem, apliquei bastante técnicas.” (N.P. agricultor, 63 anos)

A respeito da forma de aproveitamento dos cursos envolvendo a temática **comercialização** os pesquisados apontaram: a) reforçaram algumas ideias que já possuíam; b) adquiriram novos conhecimentos; c) resolveram dúvidas em relação aos programas públicos de compras governamentais; d) construíram uma visão de mercado ao passarem a refletir sobre a forma de escoamento da produção, a diminuição de custos de produção, a necessidade de pontos de venda, escala e frequência de entrega de produtos, qualidade da mercadoria como forma de agregar valor, processamento mínimo do pós-colheita (lavagem, acondicionamento, embalagem, forma de apresentação dos produtos), formas de conservar o cliente e preocupação com a legalidade da venda através de nota fiscal. O envio de mercadorias para a feira de economia solidária do município foi o canal onde alguns agricultores exerceram os conhecimentos adquiridos sobre comercialização. Um pesquisado apontou que não houve aproveitamento adequado dos cursos sobre comercialização por conta da superficialidade dos mesmos. Alguns agricultores apontaram ainda que não houve aproveitamento adequado porque não existiam canais de comercialização no assentamento, com exceção aos programas de compras governamentais.

“A gente aprendeu que a comercialização não pode vender de qualquer jeito, tem a questão de higiene, como embalar, as notas fiscais, que a maioria já tem. A banana agora a gente dá padrão, para não ficar despencando ou tirando banana na frente do cliente, embala bonitinho.” (M.B.D., agricultora, 46 anos)

“Eu aprendi e tive uma dinâmica no meu comércio local, vendo banana, uva,

frutas de época, produtos dos colegas. Eu vi também que o sistema capitalista é podre, é agressivo, eu achava que isso era da pessoa, mas é do sistema.” (M.E.S. agricultor, 56 anos)

“Eu já tinha uma noção, só reforçou, na forma de agregar valor, apresentação do produto, de conquistar mais clientes. Estou mandando produtos para feira.” (D.M.O., agricultor, 47 anos)

“Não aproveitei, ficou superficial, foram apenas noções básicas. Não houve aprofundamento nesse assunto.” (M.C.A. agricultor, 42 anos)

“Pouco aproveitamento, só em partes.” (J.C.P.P., agricultor, 39 anos)

Quais técnicas ou conteúdos foram efetivamente aplicados pelos agricultores?

A segunda seção de perguntas da entrevista procurou saber quais técnicas aprendidas nos cursos foram efetivamente aplicadas nos sítios.

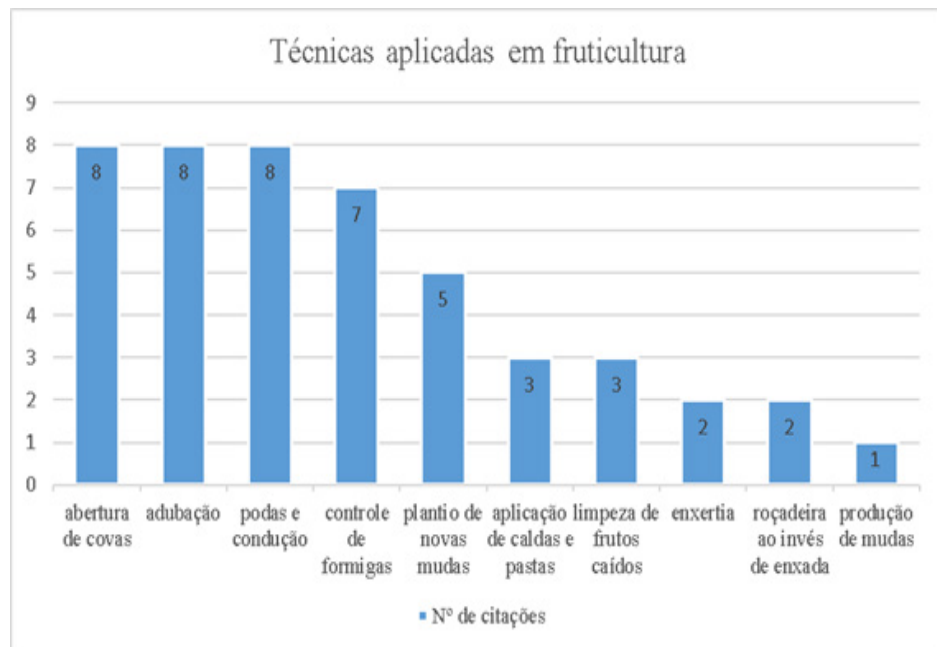
Em relação ao tema **fruticultura**, 80% dos produtores afirmaram terem reproduzido alguma técnica em sua área, sendo que as práticas citadas foram (em ordem de quantidade de citações): abertura de covas, adubação, podas e condução das plantas, controle de formigas cortadeiras, plantio de novas mudas, aplicação de caldas e pastas para controle de pragas e doenças, limpeza de frutos caídos no pomar, enxertia, utilização de roçadeira ao invés de enxada no pomar e produção de novas mudas (Gráfico 5).

“Podei o limão taiti e as mangas, porque o restante queimou com o incêndio. Abri covas nas medidas do curso e apliquei matéria morta, cinza, casca e verduras. Identifiquei uma doença preta na folha do limão e mexerica e pulverizei com sulfato de cobre e cal virgem. Nas podas que eu fiz apliquei a pasta bordalesa. Mudei a técnica de roçar, agora eu roço antes da semente madurecer. Conduzi dois pés de pera d’água, estaquei em volta e com barbante, conduzi para manter a seiva.” (M.C.A., agricultor, 60 anos)

Fiz poda de condução, com ferramenta correta. Não usei mais enxada o pomar, só roçadeira agora. Aprendi a importância de continuar plantando, fazendo mudas, a questão da paternidade da fruta, metade é da semente, do galho, mas a outra metade é da abelha. Não deixo mais fruta podre, caída, no pé da árvore. Fiz o controle do ácaro da lichia, com a receita certa. Mudei o jeito de abrir a cova e mudei a adubação, comprei algumas coisas de fora e estou utilizando mais matéria orgânica. Fiz um modelo de formigueiro com garrafa pet para ver como funciona

o sistema, o tal do fungo, do lixo que a formiga traz e comprovei que era do jeito que foi explicado no curso.” (J.C.P.P., agricultor, 39 anos)

Gráfico 5 - Principais técnicas aplicadas em fruticultura.



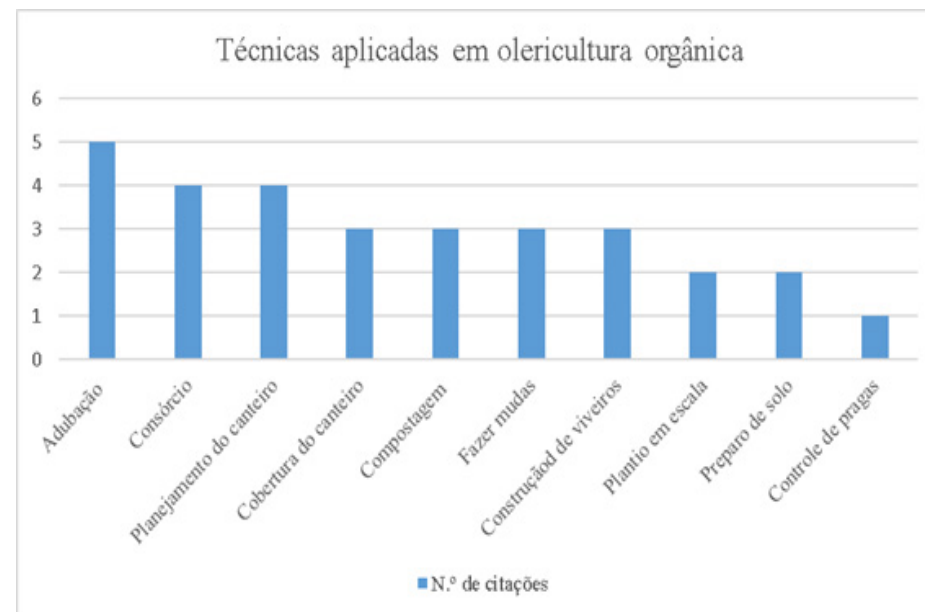
Fonte: elaborado pelo autor.

Sobre o curso de **olericultura** orgânica, 80% dos entrevistados declararam terem feito novos canteiros com base nas técnicas ensinadas. As técnicas aplicadas pelos entrevistados foram (em ordem de quantidade de citações): adubação, consórcio de plantas, planejamento do canteiro, cobertura do solo, compostagem, produção de mudas, construção de viveiro, plantio em escala, preparo do solo e controle de pragas e doenças (Gráfico 6).

“Fiz controle de pragas com microgel, utilizei fertilizante foliar, fiz novos canteiros na técnica do curso, refiz os antigos, com o tamanho certo, fiz melhor aproveitamento do espaço com consórcio, construí um viveiro igual ao do curso, plantei o quebra vento, e estou produzindo as mudas.” (M.C.A., agricultor, 60 anos)

“Fiz a compostagem, a mini estufa, preparo de mudas na bandeja, estamos utilizando o substrato, a preparação de canteiro, a vagem e o quiabo eu plantei com a ideia do curso, aproveitei mais o que tem plantado no lote para vender.” (M.B.D., agricultora, 46 anos)

Gráfico 6 - Principais técnicas aplicadas em olericultura.



Fonte: elaborado pelo autor.

“Estou trabalhando mais com o pé no chão, não adianta fazer uma grande quantidade de horta e não ter água e perder cliente. Faço compostagem e fiz canteiros na técnica, mas para meu consumo.” (D.M.O., agricultor, 47 anos)

“Fiz plantio de adubação verde, rocei, depois incorporei com esterco. Fiz o canteiro com base na técnica, tirei rabanete, rúcula e alface. Tenho vontade de fazer o viveiro.” (R.G., agricultor, 59 anos)

A respeito da aplicação do conteúdo dos cursos sobre **comercialização**, apenas 33% dos entrevistados declararam terem reproduzido alguma técnica ou aplicado algum conceito, sendo destacado o processamento mínimo para agregação de valor nas mercadorias, lavagem, seleção, acondicionamento, utilização de embalagem e a mudança no relacionamento com clientes através da adoção de novas estratégias, melhorando o diálogo, oferecendo amostras de produtos, por exemplo (Gráfico 7).

“Olha, 90% do sítio está estrutura conforme aprendi nos cursos. Agora eu faço o planejamento da produção. Estou planejando lançar um tempero e preciso de um lugar adequado para fazer; pensar no rótulo, e também aproveitar os produtos da roça, coentro, que é um dos carro-chefe, e agregar valor nele.” (M.C.A.,

agricultor, 60 anos)

“Sim, estamos vendendo na feirinha, dois dias da semana. Levamos empacotado, no padrão, a gente põe produto para o cliente provar, dá um brinde, para ganhar o cliente. A gente tem ideia de trazer o povo da cidade para conhecer o assentamento e comprar aqui.” (M.B.D., agricultora, 46 anos)

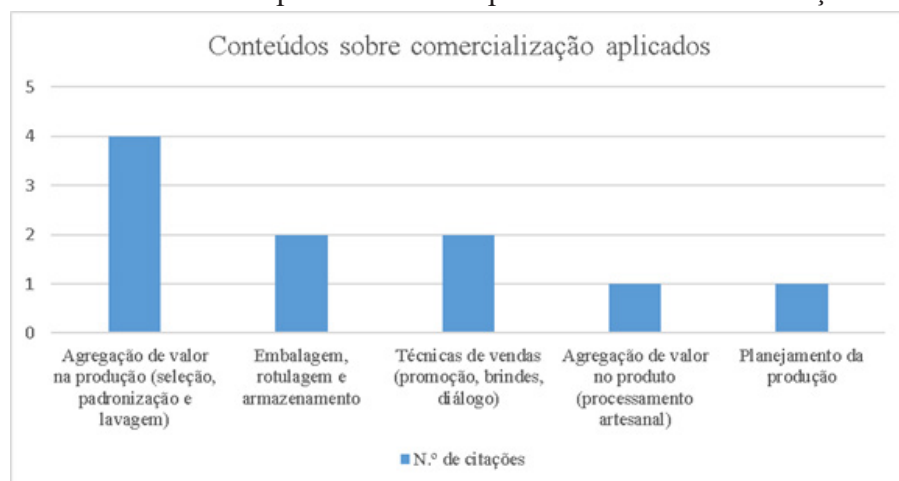
“Ainda não apliquei os conteúdos, mas estou separando as áreas do sítio, para não ter galinha na horta, fazer cerca de quebra-vento, e para o veneno do vizinho não ir na produção.” (R.B, agricultor, 46 anos)

“A gente tem o caminho, mas não aplica.” (A.M.S., agricultor, 63 anos)

“Na prática eu não tenho aplicado, eu tenho a teoria, mas não estou aplicando.” (D.M.O., agricultor, 47 anos)

“Eu não fiz ainda, mas estou na mente.” (S.V.L., agricultor, 63 anos)

Gráfico 7 - Principais conteúdos aplicados em comercialização.



Fonte: elaborado pelo autor.

Quais foram as principais dificuldades enfrentadas pelos agricultores para aplicarem o conhecimento construído?

O terceiro e último bloco de perguntas procurou conhecer quais as principais dificuldades para o maior aproveitamento dos cursos.

Nesse sentido, a principal dificuldade levantada pelos pesquisados foi a falta de recursos financeiros e a falta de irrigação.

Especificamente em relação à **fruticultura**, outras dificuldades enfrentadas foram: características físicas do terreno (declividade, tipo de solo e umidade), falta de organização coletiva e falta de mão de obra. No tocante à **olericultura**, as demais dificuldades apontadas foram: declividade do terreno, problemas de saúde, falta de canais de comercialização e o período de excesso de chuvas. Por fim, a respeito das dificuldades para aplicação dos conteúdos assimilados nos cursos sobre **comercialização**, os entrevistados destacaram: o fato de não haver canais de comercialização, deficiência em planejamento da produção, o custo de transporte de mercadorias, a falta de equipamentos para agregação de valor, a superficialidade do curso, a demora para recebimento do valor das vendas, falta de irrigação, deficiência na organização interna do assentamento, falta de mão de obra, a concorrência, falta de tempo para se dedicar à comercialização.

“Falta recurso para pôr em prática os conhecimentos que foram adquiridos, por exemplo, comprar uma calda, um produto, iorin, esterco que não tenho. E também falta organização para comprar em conjunto, para diminuir o custo.” (R.B, agricultor, 46 anos)

“A dificuldade é implantar a horta no sítio, a água é uma dificuldade, o não escoamento da produção, até agora não temos um ponto de venda.” (A.M.S., agricultor, 63 anos)

“Precisava de água e uma tobata, mas preciso mesmo é de grana. Até a terra aqui é difícil, por conta de declividade, tem cupim.” (N.P. agricultor, 63 anos)

“Falta produção em larga escala, dos companheiros, para manter uma comercialização e também ter a certificação. Falta também planejamento de produção no coletivo.” (M.C.A., agricultor, 60 anos)

Considerações finais

Considera-se que o projeto de formação profissional rural realizado no Assentamento São Roque, na percepção dos agricultores, teve aproveitamento satisfatório, principalmente em relação aos cursos sobre fruticultura e olericultura, pois, além de contribuir para a aprendizagem de novos conhecimentos e/ou aperfeiçoamento de técnicas de produção

agrícola, houve efetiva mudança da base técnica de produção ocasionando, num primeiro momento, maior rendimento da olericultura e a expectativa de melhor produção para fruticultura a médio prazo.

A despeito do aproveitamento positivo dos cursos, consideramos importante registrar que, em nossa percepção, do ponto de vista pedagógico e metodológico, os momentos de aprendizagem vivenciados, salvo raras exceções, continuam reproduzindo práticas do modelo difusionista de Assistência Técnica e Extensão Rural, calcadas na comunicação unidirecional, verticalizada e, por vezes, autoritária, e que reforçam uma suposta supremacia dos conhecimentos científicos sobre os saberes e práticas tradicionais. Entendemos que esta postura esteja mais relacionada com o tipo de formação acadêmica dos instrutores dos cursos do que uma postura particular em si.

Ademais, foi possível compreender que a falta de canais de comercialização, principalmente, impactou o baixo aproveitamento, no curto prazo, das capacitações sobre este tema, sendo, certamente, um dos desafios a serem enfrentados pela comunidade e pelo serviço de ATER

Referências

ALMEIDA, J.A. **Pesquisa em extensão rural**: um manual de metodologia. 1ª ed. Brasília: MEC/ABEAS, 1989. 182 p.

FAESP/SENAR. Formação Profissional Rural. Disponível em: <http://www.faespsenar.com.br/senar-educacao-rural-formacao-profissional>. Acesso em 29 de set. 2017.

FAVERO, E.; SARRIERA, J. C. Extensão rural e intervenção: velhas questões e novos desafios para os profissionais. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**. v.12 n.1, pp 1-16. 1º Sem. 2009.

PILLA, M. A.; ANDRADE, M. R. O.; MARQUES, L. A. P. **Fundação ITESP**: sua história e realizações, evolução das políticas agrária e fundiária no estado de São Paulo. São Paulo: ITESP, 2013. 304 p.

SILVA, A.P. S. Comunas da terra: relações entres sujeitos na paisagem híbrida campo-cidade. **Diálogos possíveis**, v. 12 n. 2. pp 147-169. 2013.